
Nota:

Recorte da Revista Visão

Matéria publicada na edição de 07 de Abril de 1975

Fonte: Arquivo Pessoal de Geraldo Porto

E depois do desenho?

Ao mudar inteiramente o regulamento do IX Salão de Arte Contemporânea de Campinas, São Paulo, para dedicá-lo ao levantamento do desenho brasileiro, seus organizadores constataram, no ano passado, que um ciclo de produção artística havia chegado ao seu apogeu. Alguns dos expositores, apesar de jovens, surpreenderam a crítica e os visitantes pelo perfeccionismo da técnica de seus desenhos e pela capacidade de transmitir suas idéias e sua visão do mundo.

Essa exposição não era um exemplo isolado. Artistas mais velhos haviam sido reconquistados para essa técnica — como Wilma Martins, grande desenhista em outras épocas. Até que ponto, porém, isso refletia uma tendência das artes plásticas do país? Roberto Pontual, crítico e diretor de exposições do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, aproveitou a pergunta que lhe foi apresentada por Visão e fez uma avaliação das perspectivas para os artistas plásticos.

“Essa adesão ao desenho ocorreu realmente em 1974, mas em 1975 já se notava um fenômeno diferente”, observou ele. “Não que haja um esvaziamento; é que, após o apogeu, a tendência é entrar numa fase de diluições, repetições, sem novidades.” “O fenômeno desenho”, lembra Pontual, “explica-se pelo declínio da *pop art* como influência dominante. Na passagem da década de 60 para a seguinte, foi o tempo dos objetos, dos ambientes, uma tentativa de captar o tridimensional na arte. A pintura, o de-

de Paulo Roberto Leal, que, ao invés de pintar uma tela, não realiza nenhuma imagem sobre ela, mas usa-a, frente e verso, costura uma tela na outra, faz do material o significado da obra.

A importância desse trabalho alia-se ao surgimento de outras técnicas de vanguarda que vêm imprimindo caráter artístico e criativo a materiais usualmente utilitários. “Há uma emergência evidente da fotografia. Eu diria de uma fotolinguagem, da fotografia pura e simples até a manipulação dos recursos de fotomontagem. Há os audiovisuais, a fotocópia, o xerox.”

As perspectivas das artes plásticas brasileiras se abrem, segundo o crítico, na espera de um ressurgimento da pintura, semelhante ao fenômeno do desenho, e na pesquisa vanguarda de técnicas e materiais. Além disso — e Pontual destaca ser este um dado lateral —, “nós temos uma série de artistas pesquisando o *kitsch*”.



GEORGES GAFNER

Pontual: os ciclos da renovação

senho, a gravura, tudo, foi relegado a uma importância bem secundária. O que predominou foi a superação do plano em busca de um espaço real." Mas, já no início da década de 70, observava-se em todo o mundo a volta à arte conceitual: "Um retorno à idéia, um retorno à abstração da realidade. Isso fecundou de novo um retorno ao plano. Esse retorno se processou primeiramente através do desenho e hoje se está processando através da pintura".

Assim como Wilma Martins voltou à sua técnica original em 1974, agora também voltam à pintura, de sentido figurativo ou de rigor abstrato, pintores que a haviam abandonado. Porém, para Pontual, o fato de maior relevância é o de que alguns artistas estejam "encarando a pintura mais como uma maneira de pesquisar o suporte da própria pintura". E cita o exemplo

Embora desconhecendo qualquer aproximação Governo—artistas plásticos, como tem ocorrido em outras áreas da produção artística, Pontual destaca como fator positivo a continuidade do trabalho criativo em seu ramo, apesar de algumas dificuldades. "Existem reivindicações latentes. Por exemplo: a imagem que se tem da arte brasileira no exterior é péssima. Os artistas sabem que as exposições oficiais que saem do Brasil são de qualidade inferior, arranjadas sem critérios precisos. Por isso, lá fora, a impressão que se tem da arte brasileira ainda é de uma arte tropical, primitiva, ingênua, como se isso fosse toda a nossa realidade." Os artistas pediriam, nesse caso, a revelação de tudo o que a arte brasileira é. "Ela não é apenas o ingênuo — que pode ser bom —, não apenas isso."

Visão 7 de abril de 1975

E depois do desenho?

Ao mudar inteiramente o regulamento do IX Salão de Arte Contemporânea de Campinas, São Paulo, para dedicá-lo ao levantamento do desenho brasileiro, seus organizadores constataram, no ano passado, que um ciclo de produção artística havia chegado ao seu apogeu. Alguns dos expositores, apesar de jovens, surpreenderam a crítica e os visitantes pelo perfeccionismo da técnica de seus desenhos e pela capacidade de transmitir suas idéias e sua visão do mundo.

Essa exposição não era um exemplo isolado. Artistas mais velhos haviam sido reconquistados para essa técnica — como Wilma Martins, grande desenhista em outras épocas. Até que ponto, porém, isso refletia uma tendência das artes plásticas do país? Roberto Pontual, crítico e diretor de exposições do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, aproveitou a pergunta que lhe foi apresentada por Visão e fez uma avaliação das perspectivas para os artistas plásticos.

“Essa adesão ao desenho ocorreu realmente em 1974, mas em 1975 já se notava um fenômeno diferente”, observou ele. “Não que haja um esvaziamento; é que, após o apogeu, a tendência é entrar numa fase de diluições, repetições, sem novidades.” “O fenômeno desenho”, lembra Pontual, “explica-se pelo declínio da *pop art* como influência dominante. Na passagem da década de 60 para a seguinte, foi o tempo dos objetos, dos ambientes, uma tentativa de captar o tridimensional na arte. A pintura, o desenho, a gravura, tudo foi relegado a uma importância bem secundária. O que predominou foi a superação do plano em busca de um espaço real.” Mas, já no início da década de 70, observava-se em todo o mundo a volta à arte conceitual: “Um retorno à idéia, um retorno à abstração da realidade. Isso fecundou de novo um retorno ao plano. Esse retorno se processou primeiramente através do desenho e hoje se está processando através da pintura”.

Assim como Wilma Martins voltou à sua técnica original em 1974, agora também voltam à pintura, de sentido figurativo ou de rigor abstrato, pintores que a haviam abandonado. Porém, para Pontual, o fato de maior relevância é o de que alguns artistas estejam “encarando a pintura mais como uma maneira de pesquisar o suporte da própria pintura”. E cita o exemplo

de Paulo Roberto Leal, que, ao invés de pintar uma tela, não realiza nenhuma imagem sobre ela, mas usa-a, frente e verso, costura uma tela na outra, faz do material o significado da obra.

A importância desse trabalho alia-se ao surgimento de outras técnicas de vanguarda que vêm imprimindo caráter artístico e criativo a materiais usualmente utilitários. “Há uma emergência evidente da fotografia. Eu diria de uma fotolinguagem, da fotografia pura e simples até a manipulação dos recursos de fotomontagem. Há os audiovisuais, a fotocópia, o xerox.”

As perspectivas das artes plásticas brasileiras se abrem, segundo o crítico, na espera de um ressurgimento da pintura, semelhante ao fenômeno do desenho, e na pesquisa vanguardista de técnicas e materiais. Além disso — e Pontual destaca ser este um dado lateral —, “nós temos uma série de artistas pesquisando o *kitsch*”.



Pontual: os ciclos da renovação

Embora desconhecendo qualquer aproximação Governo—artistas plásticos, como tem ocorrido em outras áreas da produção artística, Pontual destaca como fator positivo a continuidade do trabalho criativo em seu ramo, apesar de algumas dificuldades. “Existem reivindicações latentes. Por exemplo: a imagem que se tem da arte brasileira no exterior é péssima. Os artistas sabem que as exposições oficiais que saem do Brasil são de qualidade inferior, arranjadas sem critérios precisos. Por isso, lá fora, a impressão que se tem da arte brasileira ainda é de uma arte tropical, primitiva, ingênua, como se isso fosse toda a nossa realidade.” Os artistas pediriam, nesse caso, a revelação de tudo o que a arte brasileira é. “Ela não é apenas o ingênuo — que pode ser bom —, não apenas isso.”